

Shakespeare: o poeta vive!

RESUMO:

Em 2016, o mundo homenageia os 400 anos da morte do poeta e dramaturgo William Shakespeare (1564-1616), um dos maiores ícones da literatura inglesa. Em março passado, Curitiba foi palco do lançamento no Brasil do programa global Shakespeare Lives. O evento, que tem por finalidade explorar Shakespeare como um autor vivo, cuja fala ainda pulsa para todos os povos e nações, aconteceu no dia 24/03, na Sede Social do Graciosa Country Clube, e contou com a presença do Embaixador do Reino Unido no Brasil, Alex Ellis, do diretor do British Council, Eric Klug, e do ator da Rede Globo, Thiago Lacerda.

AUTOR:

Paulo Roberto Pellissari - professor de Literaturas de Língua Inglesa da FACEL e gerente pedagógico da Editora Positivo, membro do CESH (Centro de Estudos Shakespearianos no Brasil).



O programa Shakespeare Lives, liderado pelo British Council em parceria com a Embaixada do Reino Unido e Visit Britain em vários países pelo mundo, apresenta ao público diversas atividades culturais e educativas, promovendo a imagem de um Shakespeare contemporâneo e criativo. Entre os destaques das atividades, que acontecem no Brasil ao longo de todo o ano de 2016, está também a Casa da Liberdade, em Paraty/RJ, dedicada ao bardo, entre 29 e 03/07, durante a Flip, o maior festival literário do Brasil, e uma programação de filmes, do acervo do British Film Institute, e de teatros em diversas cidades do país. O legado de Shakespeare também será tema da campanha educacional online Play Your Part e de atividades na British House, a casa britânica no Rio de Janeiro durante os Jogos Olímpicos.

Shakespeare, até a atualidade, continua a fascinar o imaginário ocidental e mesmo o oriental, tanto é que se encontram reescrituras e transposições intermediáticas e culturais de sua obra nos quatro cantos do globo, passando por várias adaptações ao longo do tempo e dos lugares. Muitos temas e expressões criadas pelo poeta e dramaturgo povoam o nosso imaginário e personagens como, por exemplo, Romeu e Julieta, assumem representações arquetípicas do casal apaixonado. Como afirma Ben Jonson (1572-1637), poeta, ensaísta e dramaturgo inglês, Shakespeare “não é de um único tempo, mas de todos os tempos”. Sua obra é relida, reinterpretada à luz de novas teorias, como, por exemplo, o pós-colonialismo e os estudos femininos.

Recriada e parodiada não somente pela literatura, mas também em balés, pinturas, óperas, composições musicais, televisão e cinema em uma quantidade infinita de encenações, não há dúvidas de que Shakespeare dialoga com a atualidade e, portanto, tantos acontecimentos e lançamentos instigam o leitor a se perguntar: o que torna esse poeta tão atual? Por que o leitor precisa lê-lo? O que faz com que as suas reflexões ainda sejam necessárias ao século XXI?

Nem sempre Shakespeare foi considerado o autor maior da língua inglesa. Muitas polêmicas foram atribuídas ao poeta, como a questão da identidade, da autoria, do rosto, entre outros. Alguns alimentavam a ideia de que Shakespeare nunca existiu ou que não fora ele o autor das peças, atribuindo a produção a Francis Bacon ou à própria rainha Elizabeth I. Atualmente essas conspirações não possuem nenhuma importância para os estudiosos e florescem apenas entre curiosos e oportunistas. Tal fenômeno aconteceu porque os eruditos e poetas que o sucederam eram bastante rigorosos em suas críticas, não acreditando que um ator/escritor de classe média como ele, e que não frequentou a universidade, pudesse ter sido o maior poeta inglês. Esse lugar de destaque veio a se confirmar a partir do século XVIII, quando, na reação à tradição neoclássica francesa, Shakespeare começou a ser traduzido, difundido e encenado. Ressalta-se que existem apenas duas imagens reconhecidas por estudiosos como sendo realmente do autor inglês - uma gravura na edição do Primeiro Fólho, em 1623, e uma estátua em seu túmulo, em Stratford. Há lacunas sobre o autor, como as ideias religiosas, políticas, a causa da

morte, entre outras, o que favorece as mais diversas especulações.

Shakespeare nasceu em abril de 1564, em Stratford-upon-Avon, aproximadamente a 169 km de Londres. Costuma-se datar 23 de abril como o dia do seu nascimento e por ser a data em que o bardo viria a morrer em 1616. De uma família de oito filhos, William era a terceira criança, primeiro homem, filho do fazendeiro, curtidor de pele e luveiro John Shakespeare (1530-1601) e Mary Arden (? -1608). John Shakespeare ampliou suas atividades posteriormente e desempenhou funções públicas como conselheiro do burgo, juiz de paz e grão-bailio (prefeito) de Stratford.

No tocante à educação, as escolas elisabetanas eram tradicionais e seguiam o mesmo curriculum em todo o país. Não diferente de Shakespeare, os meninos de sua época deveriam memorizar e recitar latim diariamente. Os textos clássicos, além de escritos em latim, eram valorizados no período. O latim era a língua franca, usada na igreja, nas universidades, na diplomacia e na área médica. Ressalta-se que a obra de Shakespeare fornece evidências e influências dos autores clássicos, como Ovídio, Sêneca e Plauto. Shakespeare se casou aos dezoito anos com Anne Hathaway (1555 - 1623) com quem teve três filhos: Susanna (1582 -1649) e os gêmeos Hamnet (1585-1596) e Judith (1585-1662).

Não há nenhum registro sobre Shakespeare desde o batizado dos gêmeos até sete anos posteriores. Tais anos são chamados de “perdidos” pelos estudiosos, uma vez que não há documentos sobre o autor, o que

torna evidente uma série de especulações ao longo dos séculos. Sabe-se que Shakespeare chegou a Londres por volta de 1588, e encontrou um cenário fértil para o desenvolvimento de sua arte.

Na Inglaterra elisabetana/jaimesca (1554-1625, período que o teatro inglês nasce, desenvolve-se e alcança o seu ápice), a vida dos profissionais de teatro não era fácil, havia competição entre atores, dramaturgos e companhias teatrais. Após muitos teatros terem sido fechados por causa da peste, logo após a reabertura, Shakespeare já figurava como um dos atores principais e membro da companhia Lord Chamberlain's Men. Conhecido como dramaturgo elisabetano, o curioso é que o poeta, entretanto, escreveu mais de um terço da sua obra na era jaimesca ou jacobina (1603 -1625), iniciada com a ascensão ao trono de Jaime I da dinastia dos Stuarts.

Durante o período, a apropriação/adaptação de textos era um processo bastante comum. Shakespeare era mestre na arte de transcriber histórias populares para o palco, tornando-as acessíveis para novas plateias. Era um dramaturgo popular na sua época. Na verdade, o poeta não pertencia à elite e não era nobre. Shakespeare e seu grupo de atores possuíam a visão do que era alta e baixa cultura. Como atores, interpretavam papéis variando de aristocratas a bufões. Eles se utilizavam de uma linguagem que variava de rima à prosa, aos gracejos e insultos. Essa mobilidade de diferentes perspectivas contribuía para o dinamismo de suas histórias e a popularidade de suas peças.

Críticos, entretanto, ao longo dos séculos, retiraram-no dessa posição e elevaram-no ao estatuto mítico de “bardo”, designação para referenciar o poeta como expoente do cânone literário.

Shakespeare foi um escritor versátil. Utilizava-se de adaptações de textos-fonte para criar as suas histórias. A adaptação, como estratégia de construtividade textual, não é algo novo, visto que remonta ao período clássico, quando os gregos iniciaram a prática de releitura dos mitos. Ao elaborarem seus temas, tomando como base o material mítico difuso e complexo, os poetas gregos tinham liberdade para modificá-lo ou introduzir inovações. Em Édipo Rei, Sófocles inventa: muda o nome da mãe de Édipo, introduz a enigmática esfinge, a peste, o processo em que o juiz é réu, a autopunição voluntária e o exílio. Dessa forma, Sófocles, inventando e valendo-se de invenções alheias, produziu uma peça de indiscutível originalidade. A adaptação de uma cultura para outra também não é algo novo, uma vez que os romanos adaptaram o teatro grego. Ao ser adaptado, um texto sofre transformações devido às exigências do novo meio em que será veiculado, uma vez que a adaptação é um processo dialógico complexo e multidirecional. A transposição ou transformação pode se dar de uma obra, de um gênero em outro, de uma mídia para outra, e depois readaptadas novamente. Cortes, reorganização da narrativa, abrandamentos estilísticos, redução do número de personagens ou dos lugares, concentração dramática em alguns momentos fortes, acréscimos e

textos externos, montagem e colagem de elementos alheios, modificação da conclusão, modificação da fábula em função do discurso da encenação fica à critério do dramaturgo, uma vez que goza de grande liberdade: e não receia modificar o sentido da obra original, de fazê-la dizer o contrário. Shakespeare escrevia com uma técnica épico-distanciadora do deslocamento espaço-temporal bem antes de Brecht (1898-1956) inventá-la, ou seja, escrevia como se a história se passasse em outro lugar, mas na verdade falava da sua época, da sua Inglaterra elisabetana-jaimesca. Assim foi o trabalho de produção de Shakespeare.

A obra shakespeariana pode ser dividida em poesia lírica, com 154 sonetos e o poema A fênix e a pomba; poesia narrativa, que inclui Vênus e Adonis, O estupro de Lucrecia e Queixa de uma enamorada; e poesia dramática, que compreende 35 peças listadas no catálogo ou índice do Primeiro Fólho, escritas em vários gêneros - como comédia, tragédia e peça histórica. Uma das peças, Péricles, foi excluída da lista, e Troilo e Créssida não consta, apesar de estar na

edição. O atual cânone shakespeariano foi acrescido de mais duas peças, ambas escritas em colaboração com outros dramaturgos. Há estudiosos que reivindicam a inclusão de mais uma peça, o que elevaria o número de peças para quarenta - apesar de nenhum exemplar ou manuscrito da peça ter sido achado. Apesar de Shakespeare pregar a imortalidade em um dos versos de seus sonetos “há-de viver meu verso e te dar vida”, foi a dramaturgia que o eternizou.

As comédias totalizam quase metade das obras aceitas como do poeta. Podem ser classificadas como comédias românticas (A megera domada, Sonho de uma noite de verão, As alegres comadres de Windsor, entre outras); comédias sombrias/peças problemas (Medida por medida, Bom é o que acaba bem, entre outras) e tragicomédias (Péricles, Conto de inverno, A tempestade, entre outras).

Na tragédia, Shakespeare adapta a influência clássica a seu modo - dispensa as unidades de ação, lugar e tempo, permitindo a presença da comicidade no enredo trágico e se vale das heranças teatral e ficcional do medievo.



Flávia Penteadó Ganassin e Luiza Penteadó Ganassin, Tiago Lacerda e Marcela Peixoto.



Shakespeare cria uma nova concepção da tragédia. Dentre as tragédias, destacam-se Romeu e Julieta, Hamlet, Otelo, Macbeth.

As peças históricas podem ser subdivididas em duas partes: peças históricas inglesas e peças históricas/tragédias romanas. Shakespeare se utilizou de fontes históricas, datas, lendas, mitos e relatos pessoais, fez-se valer a sua liberdade artística, cortando, adaptando, modificando, interpolando fatos e personagens para transformar as fontes em cenas de alto potencial emocional. Shakespeare escreveu dez peças baseadas na história da Inglaterra. Destacam-se entre



Embaixador Britânico Alex Ellis, ator Thiago Lacerda, diretora cultural do Graciosa Country Club, professora Liana Leão.



Prof. Dr. e Diretor Setor de Ciências Humanas da UFPR, Eduardo Salles de Oliveira Barra.

elas Ricardo II, Ricardo III, Henrique IV. Peças históricas/tragédias romanas, Shakespeare escreveu quatro, destacando-se Titus Andronicus e Antonio e Cleópatra.

Os personagens shakespearianos vivem intensamente seus conflitos, os seus conflitos internos, que antecipam os dilemas e as contradições do homem contemporâneo. Cada peça nos faz pensar sobre a natureza humana. O que nos move: o amor, a ambição, a vingança, a traição, o ódio? Hamlet, Lear, Macbeth, Ricardo III, o que tais personagens e seus conflitos dizem a nosso respeito? Somos ainda reféns de nossas paixões, consciência e de nossos limites? Os personagens em suas trajetórias trágicas, nos ajudam a nos compreender melhor por meio de suas reflexões sobre o que significa ser humano, em suas diferentes trajetórias de erros, de acertos, aprendizados e sofrimento. Shakespeare é um poeta que continua a dialogar com a atualidade, pois se trata de um profundo conhecedor da alma humana, basta ler e apreciá-lo.



Erik Klug - Diretor do Conselho Britânico em São Paulo.